



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**SELETIVIDADE ALIMENTAR EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO DO AUTISMO: REVISÃO DE LITERATURA**

Autora: Heloísa Moraes Valeriani

Orientador: Prof Dr Nassim Chamel Elias

Coorientadora: Patrícia Contreras Campesan

SÃO CARLOS

2024

RESUMO

O presente estudo consiste em uma revisão de literatura da produção científica nacional acerca da temática da seletividade alimentar e o ambiente escolar em pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, e tem como objetivo analisar a produção científica de artigos brasileiros relacionados ao tema. As buscas foram realizadas em artigos dos últimos 10 anos, nas bases de dados Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Pepsic, utilizando os descritores “TEA” (Transtorno do Espectro do Autismo), “autismo”, “seletividade alimentar”, “educação”, “disfunção alimentar”, “disfunção sensorial alimentar”. Foram encontrados 19 artigos, nos quais seis atenderam aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, portanto, estes foram selecionados para análise. Os resultados indicaram escassez de estudos sobre a temática, principalmente relacionando a seletividade alimentar e o ambiente escolar, e indicaram também que há uma maior prevalência em crianças com TEA. No ambiente escolar, a seletividade alimentar pode ter um impacto significativo. Sendo assim, a inclusão da criança com TEA e seletividade alimentar pode ser um desafio, visto que ela pode afetar, não apenas o bem estar físico da criança, mas também a sua participação nas atividades escolares e interações sociais.

Palavras-chave: seletividade alimentar; TEA; disfunção alimentar; ambiente escolar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. OBJETIVO.....	06
3. MÉTODOS.....	06
3.1 Protocolos de busca.....	06
3.1.1 Critérios de inclusão.....	07
3.2 Busca.....	07
3.3 Seleção.....	08
3.4 Análise de dados.....	08
3.5 Fidedignidade dos dados.....	09
4. RESULTADOS.....	09
4.1 Caracterização dos estudos.....	09
5. DISCUSSÃO.....	17
6. REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), comumente referido como Autismo, é definido, de acordo com a quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5; Associação Americana de Psiquiatria [APA], 2013), como uma condição que pode estar associada a alguma condição médica ou genética conhecida, ou a fatores ambientais. Pode incluir comprometimento intelectual, de linguagem ou catatonia, não sendo necessário que todas essas características estejam presentes ou que ocorram simultaneamente. Uma pessoa que recebe o diagnóstico de autismo também é caracterizada por enfrentar desafios na comunicação e interação social, bem como por exibir padrões de comportamento restritos e repetitivos, de acordo com o DSM-5 (APA, 2013).

Alguns pesquisadores enfatizam que a seletividade alimentar é uma das características comportamentais notáveis em pessoas com TEA, como evidenciado por Silva (2011) e Westwood et al. (2017). É estimado que cerca de 80% das crianças diagnosticadas com TEA enfrentam desafios relacionados à seletividade alimentar, e aproximadamente 95% delas demonstram resistência à experimentação de novos alimentos, conforme indicado por Lockner (2008).

O DSM-5 identifica os transtornos alimentares como dificuldades persistentes durante as refeições, resultando na diminuição da ingestão e absorção de alimentos, o que pode ter consequências negativas para a saúde física e/ou o desenvolvimento psicossocial do indivíduo (APA, 2013). A seletividade alimentar é agora categorizada como Transtorno Alimentar Restritivo Evitativo (TARE) de acordo com o DSM-5. Vários fatores podem contribuir para a seletividade alimentar, e um deles está relacionado à sensibilidade sensorial. Isso se refere a uma reação exagerada a certas experiências táteis, que muitas vezes resulta em aversão ou em respostas comportamentais negativas (Cermak, Curtin, & Bandini, 2010).

Uma pesquisa realizada com os responsáveis de crianças com TEA destacou a sensibilidade sensorial como um dos principais fatores que contribuem para essa seletividade alimentar. Entre os fatores identificados, a textura dos alimentos (69%) foi apontada como o mais relevante na determinação da seletividade, seguida pela relutância em experimentar novos alimentos (69%), preocupação com a aparência (58%), sabor (45%), cheiro (36%) e temperatura (22%) dos alimentos (Cermak, Curtin, & Bandini, 2010).

De acordo com um estudo conduzido na Faculdade de Medicina da Universidade de Massachusetts em 2010, foi observado que 67% das crianças com autismo apresentam seletividade alimentar, o que sugere que o distúrbio alimentar é comum em indivíduos com TEA (Bandini et al., 2010; Berry et al., 2015). É importante ressaltar que as definições de dificuldades alimentares podem variar entre os diferentes autores. A seletividade alimentar, que é o foco deste trabalho, é um termo que engloba uma variedade de significados e critérios. A seletividade alimentar, que geralmente tem início no período de introdução alimentar de sólidos, caracteriza-se por recusa alimentar, pouco apetite e desinteresse pelo alimento (SKINNER; CARRUTH; WENDY, 2002; ABREU; FISBERG, 2003).

A seletividade alimentar é resultado da interação entre diversos fatores biológicos, psicológicos, culturais e sociais (VENTURA; WOROBEY, 2013). O entendimento desses fatores pode ser crucial para abordar questões relacionadas à alimentação, escolhas saudáveis e o desenvolvimento de estratégias eficazes para lidar com a seletividade alimentar em diferentes contextos.

O ambiente escolar, o qual a criança está inserida constantemente durante seu período de desenvolvimento, tem grande influência no contexto alimentar. Segundo Piaget, principalmente no período de desenvolvimento pré-operatório, que ocorre de 2 a 7 anos, há o desenvolvimento da lógica, quando as crianças começam a pensar de maneira simbólica, relacionando palavras a objetos. Sendo os hábitos alimentares, preferências e muitas repulsas

determinadas na infância, através da influência de agentes externos e de acordo com o ambiente em que a criança participa (MAHAN; ESCOTT-STUMP, 2018), a escola é um ambiente essencial neste processo.

Os textos apresentados indicam que a seletividade alimentar em indivíduos com TEA, principalmente na infância, é um problema de pesquisa relevante e que precisa ser investigado, tanto na identificação dos fatores causadores quanto no desenvolvimento de estratégias para reduzi-la. Portanto, o ponto de partida deste trabalho baseou-se na pergunta: como os pesquisadores brasileiros têm investigado as questões da seletividade alimentar em indivíduos com TEA?

2. OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica de artigos brasileiros relacionados à seletividade alimentar de pessoas com TEA.

3. MÉTODO

Esse estudo se caracterizou como um estudo exploratório, sucedendo levantamentos bibliográficos referentes ao tema, assim como análise de exemplos que estimulem a compreensão da temática (GIL, 2007).

3.1 Protocolo de busca

As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Google Acadêmico e Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia).

Foram utilizados os seguintes descritores: “TEA” (Transtorno do Espectro do Autismo), “autismo”, “seletividade alimentar”, “educação”, “disfunção alimentar”,

“disfunção sensorial alimentar”. As combinações realizadas foram: “TEA” e “seletividade alimentar”; “autismo” e “seletividade alimentar”; “TEA”, “seletividade alimentar” e “educação”; “autismo”, “seletividade alimentar” e “educação”; “TEA” e “disfunção alimentar”; “autismo” e “disfunção alimentar”; “TEA” e “disfunção sensorial alimentar”; “autismo” e “disfunção sensorial alimentar”; “TEA”, “disfunção alimentar” e “educação”.

3.1.1 Critérios de inclusão

Trabalhos realizados nos últimos dez anos (de 2013 a 2023), publicados em português, produzidos nas áreas da saúde ou da educação, relacionados ao autismo e à seletividade ou disfunção alimentar.

3.2 Busca

A primeira busca foi realizada no Periódicos CAPES, nos quais foram encontrados nove artigos, dos quais somente três eram relacionados ao tema desta pesquisa. A segunda busca foi realizada no Google Acadêmico, em que foram encontrados 10 artigos, dos quais apenas três estavam relacionados. A terceira busca foi realizada no Pepsic, em que nenhum estudo foi encontrado (Figura 1). A busca foi realizada no mês de outubro de 2023.

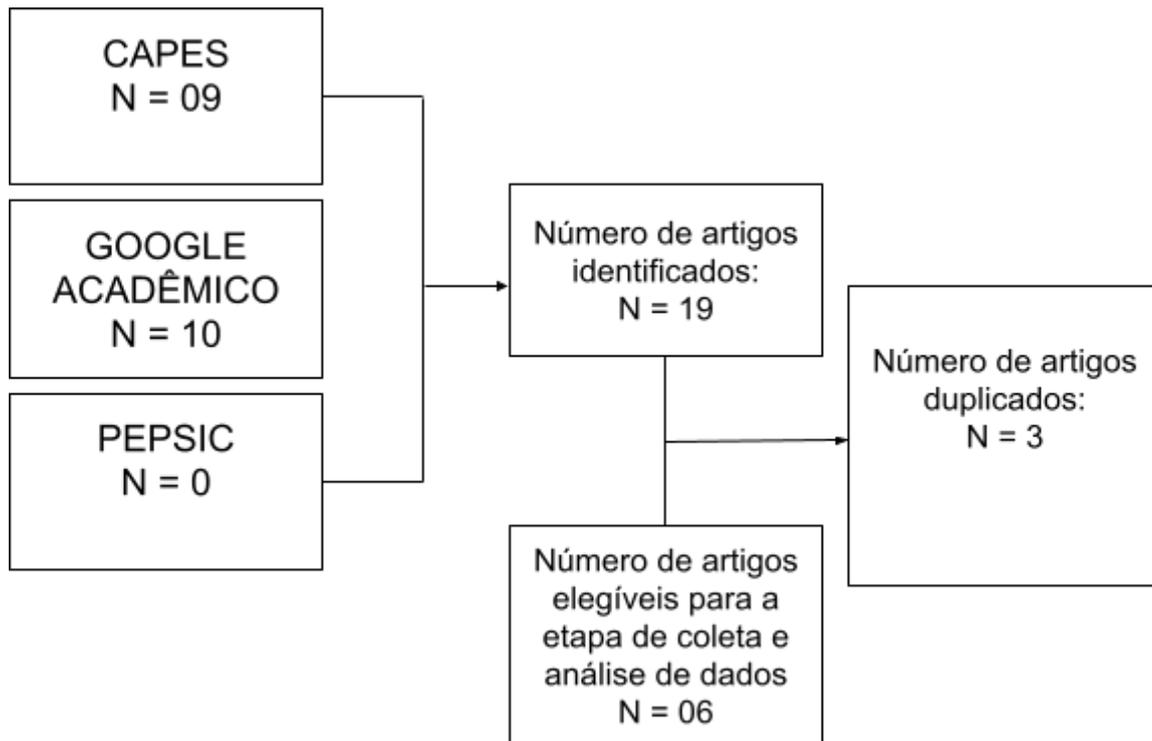


Figura 1. Resultados encontrados nas bases de dados selecionadas.

Como mostrado na Figura 1, ao final da busca nos três periódicos, foram encontrados 19 artigos, e após uma seleção seguindo os critérios de inclusão, três eram artigos duplicados, e apenas seis foram considerados elegíveis para a etapa de coleta e análise de dados.

3.3 Seleção

Dos 19 artigos, a partir da leitura do resumo e, em seguida, da leitura dos textos na íntegra, foi possível obter um banco de seis artigos ao final (Almeida, 2020; Bottan et al., 2020; Lemes et al., 2023; Milane et al., 2022; Moura et al., 2021; Santos et al., 2022).

Ao fim da seleção dos artigos, realizou-se a etapa da coleta de dados, que consistiu na leitura integral dos artigos, bem como na busca de dados de interesse da pesquisa.

3.4 Análise de dados

A análise de dados foi realizada de maneira quantitativa e qualitativa. Foi possível identificar artigos utilizando o filtro, utilizando descritores, o ano de publicação, o idioma e país, a instituição de ensino superior em que o artigo foi escrito, com o objetivo de obter artigos que relacionavam seletividade alimentar em indivíduos com TEA.

3.5 Fidedignidade dos dados

Tanto a busca quanto a análise dos dados foram realizadas pela autora deste estudo e pela co-orientadora de forma independente. A comparação dos dados e das informações indicaram 100% de acordo entre as observadoras.

4. RESULTADOS

4.1 Caracterização dos estudos

A Figura 2 apresenta as áreas de conhecimento dos autores dos artigos selecionados. Pode-se observar que a maior parte dos autores é da área de nutrição e medicina.

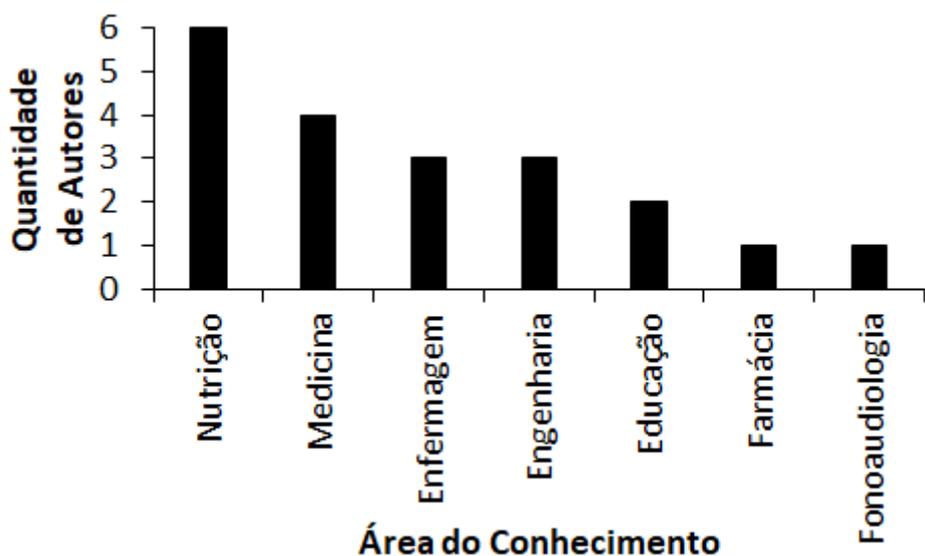


Figura 2. Áreas de conhecimento e quantidade de autores dos artigos selecionados

A Figura 3 apresenta a quantidade de artigos por ano de publicação. Pode-se observar que no período de busca deste trabalho, foram encontrados trabalhos somente nos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023.

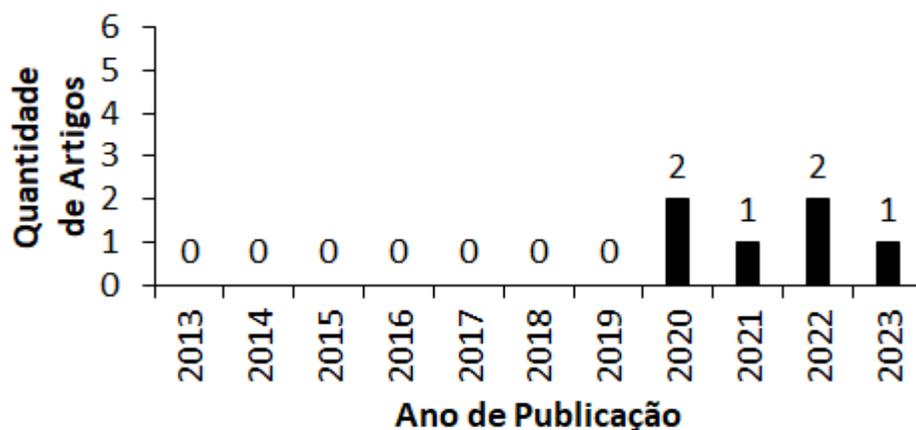


Figura 3. Quantidade de artigos por ano de publicação.

A seguir os estudos serão descritos por ordem crescente de ano de publicação.

Almeida (2020) realizou uma revisão narrativa, analisando estudos e casos clínicos sobre comportamentos alimentares em crianças com TEA. Os objetivos específicos incluíram investigar a relação entre seletividade alimentar e transtorno de processamento sensorial, avaliar a prevalência da seletividade alimentar em crianças com TEA em comparação a outros grupos e examinar a eficácia de abordagens sensoriais no tratamento da seletividade alimentar em crianças com TEA.

Foi conduzida uma busca de artigos de setembro a novembro de 2019 nas bases eletrônicas LILACS, Scielo, Pubmed e Cochrane, com foco em estudos sobre seletividade alimentar e alterações sensoriais em crianças com TEA. Os critérios de exclusão englobam assuntos sem relação com questões sensoriais ou alimentares em pessoas com TEA, bem como temas relacionados à Síndrome de Rett ou outros diagnósticos, achados neurobiológicos, problemas alimentares apenas nutricionais e abordagens que não considerassem questões sensoriais no tratamento da seletividade alimentar em crianças com TEA. Foram selecionados 18 artigos, sendo sete estudos com um único grupo de crianças

com TEA; nove estudos comparativos entre grupos e dois estudos de intervenções com casos clínicos. Dentre esses, três abordaram exclusivamente alterações sensoriais e autismo, um tratou apenas de seletividade alimentar e autismo, enquanto os 14 restantes abordaram os três temas simultaneamente, incluindo três estudos sobre intervenção.

A autora selecionou 11 estudos que identificaram uma relação entre seletividade alimentar e transtorno de processamento sensorial em crianças com TEA, sendo essa seletividade mais comum nesse grupo em comparação a outros. Poucos estudos utilizaram abordagens sensoriais, sendo um deles, que envolveu educação parental, apresentando resultados positivos no tratamento da seletividade alimentar em crianças com TEA. Estudos focados exclusivamente em aspectos sensoriais em crianças com TEA destacaram padrões sensoriais específicos, como sensibilidade ao paladar/olfato e filtragem auditiva, associados a problemas alimentares e déficits sociais. No entanto, segundo a autora, esses estudos são limitados e evidenciam desafios na área, como a falta de definição consistente de seletividade alimentar, heterogeneidade na população com TEA, poucos instrumentos de avaliação padronizados, relatos predominantemente baseados nos pais e amostras pequenas.

Almeida (2020) destacou, portanto, a necessidade de estudos mais abrangentes e de longo prazo a respeito da associação de distúrbios de processamento sensorial, problemas alimentares e seletividade alimentar em crianças com TEA, a fim de tornar o conhecimento mais empírico. Destacou também que, apesar da conexão entre a seletividade alimentar e o TEA, as consequências dessa relação ainda carecem de investigação e de intervenções de equipes especializadas.

Bottan et al. (2020) teve como objetivo, em sua pesquisa, analisar a alimentação de pessoas com TEA por meio de revisão de literatura, abordando a prevalência de autismo, seletividade alimentar e os alimentos mais ou menos consumidos por este grupo de indivíduos.

Foi conduzido um estudo de revisão de literatura, envolvendo a pesquisa e análise crítica de textos científicos relevantes ao tema. A busca foi realizada em bibliotecas online, com ênfase em plataformas como SciELO do Brasil, RASBRAN, Nutrição em Pauta, Nutrionline, entre outras. A amostra abrangeu artigos e documentos publicados de 2008 a 2020, utilizando descritores como autismo, prevalência e consumo alimentar. Foram selecionados 14 artigos com base nos objetivos da pesquisa, abrangendo a prevalência de autismo, seletividade alimentar em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os alimentos mais ou menos consumidos por autistas, organizados em ordem cronológica. Estudos irrelevantes ao tema, abordando outros aspectos do TEA ou publicações anteriores a 2008, foram excluídos.

Bottan et. al (2020) enfatizou a escassez de trabalhos relacionados a TEA e seletividade alimentar no Brasil, assim como em outros países. Por meio da revisão da literatura, traz também dados sobre a prevalência de TEA em escolas públicas, com destaque para a maior incidência em escolas infantis, e destacou a seletividade alimentar como característica marcante nesses indivíduos, e como essas alterações nutricionais podem afetar no seu desenvolvimento e crescimento. Conclui, portanto, que a intervenção e a educação alimentar, especialmente sob a orientação de profissionais, são apontadas como medidas importantes para melhorar a variedade alimentar em crianças com TEA.

Moura et al. (2021) teve como objetivo conduzir uma revisão integrativa sobre a seletividade alimentar em crianças com TEA, abordando estudos e evidências científicas que se relacionam com essas preferências alimentares. Além disso, procurou estabelecer associações entre as desordens sensoriais e as características dos alimentos. Foi realizada uma revisão da literatura que investigou as alterações sensoriais em crianças com TEA e sua relação com a seletividade alimentar. A análise baseou-se em artigos encontrados nas bases de dados SCIELO, Pubmed e Medline em julho de 2020. Os descritores utilizados foram

"Transtorno do Espectro Autista", "Seletividade alimentar" e "Nutrição". Foram identificados 29 trabalhos, dos quais oito foram selecionados após análise de títulos e resumos. Os critérios de seleção incluíram o ano de publicação (2016 a 2020), idiomas (português e inglês) e a relevância para a relação entre TEA e seletividade alimentar em crianças. Artigos que não atendiam aos critérios, como resenhas, comentários e estudos que exploravam apenas conceitos e terminologia do autismo, foram excluídos.

Moura et al. (2021) apresenta um estudo que destaca que intervenções clínicas nutricionais resultaram em aumento no repertório alimentar e redução na recusa de alimentos. Outro estudo compara tratamentos com os princípios da ABA (Análise Aplicada do Comportamento) e com a abordagem M-SOS (Sensorial Oral Sequencial Modificada), indicando que a ABA é mais eficaz na correção da seletividade alimentar. Outros estudos mostram que comportamentos problemáticos durante as refeições são menos frequentes em crianças com TEA, embora haja diferenças entre crianças brancas e chinesas-americanas. Um estudo de caso destacou a relação entre crises comportamentais e recusa alimentar, sendo melhorada com intervenção medicamentosa. Outro estudo revela que crianças com TEA têm dificuldades alimentares relacionadas à textura e consistência dos alimentos.

Os dados analisados por Moura et al. (2021) indicam que crianças com TEA tendem a apresentar seletividade alimentar ou aversão aos alimentos devido a desordens sensoriais, características dos alimentos e comportamento durante as refeições. As autoras destacam a importância de mais pesquisas sobre a seletividade alimentar em crianças com TEA, ressaltando intervenções benéficas para o tratamento da recusa alimentar. O texto conclui incentivando o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas nessa área.

Milane et al. (2022) tiveram como propósito analisar o comportamento alimentar e as estratégias de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) direcionadas a crianças que apresentam o TEA. Foi realizado um processo de revisão sistemática que seguiu cinco etapas:

elaboração da pergunta científica, busca de evidências com definição de palavras-chave e estratégias de busca, revisão e seleção dos estudos com base em critérios de inclusão e exclusão, avaliação metodológica e de viés utilizando a escala "*Critical Appraisal Skills Programme* (CASP, 2018)" e apresentação dos resultados. A pergunta científica centralizou-se no perfil do comportamento alimentar e estratégias de EAN para crianças com TEA. A metodologia incluiu a equação *Methodi Ordinatio* (MO) para analisar a qualidade dos artigos, considerando multicritérios de decisão (MCDA). A equação InOrdinatio foi usada para classificar os artigos com base em citações, métricas (fator de impacto) e ano de publicação, com um recorte temporal de 2017 a 2021. As bases de dados Medline, Scopus, SciELO e Web of Science foram consultadas com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs). Critérios de inclusão abrangeram artigos originais completos, em inglês ou em português, sobre crianças com ou sem TEA, publicados entre 2017 e 2021. Artigos duplicados, fora do escopo, estudos com modelos animais, revisões, capítulos de livros, trabalhos de eventos científicos, teses e dissertações foram excluídos. A seleção inicial envolveu títulos, palavras-chave e resumos, e a extração de dados dos artigos incluiu autor/ano, país, grupo de estudo, idade, tamanho da amostra, foco do estudo, método, resultados e classificação do CASP.

Após a revisão, Milane et al. (2022) evidenciou a importância do ambiente familiar na formação dos hábitos alimentares de crianças com TEA. Estratégias de EAN revelaram impactos positivos, incluindo a proposta de escalas para diagnosticar o comportamento alimentar e a utilização de recursos digitais. Estudos de intervenção exploraram diversas metodologias, como o desenvolvimento de procedimentos, a incorporação de recursos digitais e a implementação de jogos motivacionais. Assim, foi demonstrado como a EAN pode efetivamente contribuir para a melhoria nutricional em indivíduos com TEA que enfrentam desafios alimentares. Os autores enfatizaram que ações de EAN, envolvendo pais,

cuidadores e educadores, aliadas à inclusão de métodos de familiarização sensorial e recursos digitais, representam abordagens eficazes para modificar alguns comportamentos alimentares.

Santos et al. (2022) tiveram como objetivo identificar os aspectos sensoriais e as ações relacionadas à seletividade alimentar em crianças com TEA, uma vez que a seletividade alimentar é uma preocupação comum devido às potenciais repercussões negativas no estado nutricional e no crescimento dessas crianças. Foram realizadas buscas por artigos utilizando descritores em língua portuguesa, com as palavras-chave: autismo, nutrição e seletividade alimentar, com ênfase nos últimos seis anos (2017 - 2022). A pesquisa abrangeu consultas às bases de dados, envolvendo a leitura de descritores, avaliação de títulos, resumos e a leitura completa dos artigos selecionados. Os critérios de exclusão envolveram artigos sem relação direta com seletividade alimentar, conteúdo repetitivo, ou que não abordavam diretamente a nutrição em relação ao autismo. Utilizou-se o Google Acadêmico e a base de dados Scielo na pesquisa, resultando na identificação de 40 artigos. Após a leitura de títulos e resumos, 15 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade, totalizando 25 artigos avaliados para compor a revisão de literatura. Santos et al. (2022) pontuaram que o diagnóstico crescente de TEA contrasta com a deterioração dos serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o que implica em desafios para garantir a reposição adequada de nutrientes para pessoas com TEA que enfrentam questões nutricionais devido à seletividade alimentar. Pontuam também que, apesar das leis existentes, esses indivíduos advindos de baixas classes socioeconômicas não têm acesso aos benefícios devido à desinformação e à falta de aceitação do diagnóstico.

Lemes et al. (2023) tiveram como objetivo analisar o comportamento alimentar de crianças e adolescentes com TEA. O estudo foi conduzido em uma associação para pessoas com TEA no interior paulista, atendendo mais de 160 crianças e jovens, com o foco no desenvolvimento e suporte deste público. Realizado no primeiro semestre de 2020, o estudo

adotou uma abordagem prospectiva, transversal, descritiva e analítica. A coleta de dados envolveu a distribuição de 50 questionários aos responsáveis das crianças e adolescentes, acompanhados do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A amostra foi obtida por conveniência, com os responsáveis que aceitaram participar tendo 10 dias para devolver os questionários. O critério de inclusão era ter o diagnóstico de autismo por pelo menos um ano, com exclusão de casos com outros diagnósticos neurológicos associados, questionários incompletos ou falta de devolução do TCLE. Das 37 entregas, 21 atenderam aos critérios. Participaram do estudo 21 crianças e adolescentes (2 a 14 anos, média de 6,7 anos), sendo 17 do sexo masculino e 4 do feminino, todos com diagnóstico de TEA. Utilizou-se um questionário com 53 questões de escala Likert, abordando o comportamento alimentar nas categorias de motricidade na mastigação, seletividade alimentar, aspectos comportamentais, sintomas gastrointestinais, sensibilidade sensorial e habilidades nas refeições. A coleta de dados foi conduzida através da distribuição dos questionários aos responsáveis legais, com a análise estatística realizada no software R. A análise foi descritiva e incluiu o teste de correlação de Spearman.

Lemes et al. (2023) identificaram que 34,4% das crianças e adolescentes apresentaram seletividade alimentar, correlacionando-se com aspectos comportamentais. A literatura reforça a seletividade alimentar como a desordem mais comum em crianças autistas, afetando de 9,8% a 83% desta população. A seletividade alimentar, que envolve aceitar poucos alimentos, pode demandar intervenções em casos moderados e graves. A introdução de novos alimentos pode desencadear comportamentos desafiadores, tornando o envolvimento familiar crucial para o sucesso no aprimoramento da dieta das crianças autistas. Além disso, 27,1% dos participantes apresentaram alterações comportamentais relacionadas à alimentação, correlacionando-se com sensibilidade sensorial e habilidades nas refeições. Problemas comportamentais durante as refeições afetam as relações familiares, e a qualidade da dieta

parece inversamente proporcional à gravidade dos problemas comportamentais. A motricidade na mastigação também estava alterada em 21,9% dos participantes, com correlação entre essa categoria e outras, indicando desafios na função mastigatória em crianças autistas. A sensibilidade sensorial estava alterada em 13,3%, e embora as alterações gastrointestinais tenham sido observadas em apenas 13%, estudos associam a seletividade alimentar a problemas gastrointestinais em crianças autistas. As habilidades nas refeições foram afetadas em 8% dos entrevistados, refletindo dificuldades motoras comuns em crianças autistas. O estudo ressalta a importância de estratégias, como o programa SPARK (Esportes, Brincadeiras e Recreação Ativa para Crianças), para desenvolver habilidades motoras e sociais nessas crianças. O estudo tem limitações, como o tamanho da amostra e sua natureza local, mas contribui para a compreensão dessa questão relevante na sociedade. Lemes et al. (2023) concluíram, portanto, que crianças e adolescentes com TEA apresentam uma propensão a seletividade alimentar, manifestando comportamentos habituais durante as refeições e enfrentando desafios motores relacionados à mastigação e ingestão de alimentos.

5. DISCUSSÃO

Como anteriormente mencionado, este trabalho se propôs a realizar uma revisão sistemática de artigos que abordassem a questão da seletividade alimentar em indivíduos com TEA. A busca trouxe diversas reflexões a respeito de pesquisas no campo da seletividade alimentar e TEA, como a falta de artigos científicos relacionados ao campo educacional.

Os estudos apresentados (ALMEIDA, 2020; BOTTAN et al., 2020; MOURA et al., 2021; MILANE et al., 2022; SANTOS et al., 2022; LEMES et al., 2023) trazem a questão da seletividade alimentar diretamente relacionada ao TEA, entretanto, apenas Bottan et al. (2020) e Milane et al. (2022) trazem a escola para a discussão a respeito do tema.

Almeida (2020), Moura et al. (2021), Santos et al. (2022) e Lemes et al. (2023), apesar de não trazerem a problemática da questão educacional, explicitaram discussões a respeito da análise comportamental e o desenvolvimento, principalmente de crianças com autismo e seletividade alimentar. A escola é um ambiente fundamental para a formação do comportamento alimentar, dado a interação entre pares, as práticas de educação nutricional e a disponibilidade de opções de alimentos, a escola desempenha um papel crucial na promoção de uma alimentação saudável entre crianças e jovens.

Alguns dos estudos selecionados trazem métodos e abordagens para melhorar a variabilidade de aceitação alimentar, como ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e M-SOS (Sensorial Oral Sequencial Modificada). Na intervenção que utilizou ABA, o terapeuta utilizava de reforçadores sociais na forma de elogios verbais (“Bom trabalho!”) quando a criança mordida e quando engolia a comida e também forneceu ajuda física mão-sobre-mão para auxiliar a criança a pegar a colher e levar até a boca.

O M-SOS foi dividido em seis etapas: tolerância visual, interação indireta, cheiro, toque, degustação e alimentação. Para a etapa de tolerância visual, o terapeuta colocava os alimentos cada vez mais próximos da criança (por exemplo, na mesma sala, do outro lado da mesa, diretamente na frente). Para a interação indireta, o terapeuta levava a criança (a) a ajudar na preparação de alimentos e (b) a usar os utensílios ou guardanapos para servir ou tocar nos alimentos. Durante a etapa do cheiro, o terapeuta levava a criança (a) a sentar-se à mesa com a comida presente, (b) sentar-se à mesa com a comida em frente à criança e (c) se inclinar para pegar e cheirar a comida. Durante a etapa de toque, o terapeuta levou a criança (a) a tocar a comida com as pontas dos dedos e depois com as mãos; e (b) encostar a comida nos braços ou ombros, pescoço, topo da cabeça, queixo ou bochecha, nariz, lábios e dentes. Durante a etapa de degustação, o terapeuta levava a criança (a) a tocar a comida com a ponta e depois com a parte superior da língua; (b) lambem a comida com a língua; (c) morder um

pedaço de comida e cuspir imediatamente; (d) morder um pedaço de comida e segurá-la na boca antes de cuspir; e (e) morder um pedaço de comida, mastigar e depois cuspir. Durante a etapa alimentar, o terapeuta levava a criança (a) a mastigar um pedaço de comida, engolir parte dela e cuspir o restante; (b) mastigar e engolir uma mordida seguida de uma bebida; e (c) mastigar e engolir uma mordida sem bebida.

Apesar destas duas formas terem algumas semelhanças, como a introdução gradual de respostas mais próximas da resposta final de colocar a comida na boca, mastigar e engolir, o número menor de passos e o uso de reforçadores sociais no tratamento baseado na ABA gerou melhores resultados (PETERSON; PIAZZA; VOLKERT, 2016).

Outro ponto importante a ser discutido é que todos os estudos apresentados demonstram que o envolvimento da família é de extrema importância para o comportamento alimentar da criança com autismo - e que a rotina da família pode ter impacto tanto positivo quanto negativo. Entretanto, apenas em um artigo (ALMEIDA, 2020) explicita questões mais específicas relacionadas à criança e à família, que são de fato cruciais para o tratamento da seletividade alimentar. Alguns dos pontos explicitados são: o histórico da família; a existência de intolerâncias/alergias alimentares ou seletividade em outros membros da família; comportamentos da criança nas refeições que se concentram nas habilidades motoras orais (...) e habilidades sociais de comer com a família e ficar à mesa durante o tempo da refeição; fatores socioeconômicos da família.

Sendo assim, outro questionamento importante a ser levantado, que não surgiu nos artigos anteriormente citados, é sobre a instrução que a família da criança com autismo e seletividade alimentar recebe para que possa realizar um tratamento contínuo a respeito dos dois diagnósticos: como a família e a escola se comunicam para que haja um consenso sobre o melhor para aquele aluno?

Alguns autores (CARVALHO et al., 2012; HORTA et al., 2013) sugerem uma relação entre o perfil e o ambiente social familiar e os hábitos alimentares de crianças com TEA, pois, em geral, os filhos tendem a copiar as ações dos pais ou adultos ao seu redor e a presença de estímulos sonoros e visuais podem desviar a atenção da criança no momento da refeição, contribuindo para o desenvolvimento de problemas alimentares, como seletividade e desinteresse.

Com tudo que foi exposto, é possível concluir que há necessidade de mais estudos com relação à temática, principalmente estudos que abordem a questão da seletividade no contexto escolar. Neste contexto, a seletividade alimentar pode ter um impacto significativo, podendo afetar não apenas o bem-estar físico da criança, mas também sua participação nas atividades escolares e interações sociais. Sendo assim, a inclusão da criança com TEA e seletividade alimentar na escola pode ser um desafio, todavia, o planejamento e comunicação adequados podem criar um ambiente que atenda às necessidades daquela criança (CAMPELLO et al., 2021).

6. REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). . Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.. 5 Porto Alegre: Artmed, 2014.

CARVALHO, J. A.; SANTOS, S. C. S.; CARVALHO, M. P.; SOUZA, L. S. Nutrição e autismo: considerações sobre a alimentação do autista. Revista Científica do ITPAC, v.5, n.1, 2012.

HORTA A, et al. Marketinge alimentação no espaço escolar: estímulos sensoriais/corporais e a sua apropriação pelas crianças. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013; 85-108.

Seletividade Alimentar em Crianças Autistas: Fatores e Desafios. Jadeautism.com, 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.jadeautism.com/seletividade-alimentar-e-autismo>>. Acesso em: 18 jan. 2024

SKINNER, J. D.; CARRUTH, B. R.; WENDY, B. Children's food preferences: a longitudinal analysis. J Am Diet Assoc, v.102, p.1638-1647, 2002.

CARRUTH B.R.; SKINNER, J.; HOUCK, K.; MORAN, J. The phenomenon of “picky eater”: a behavioral marker in eating patterns of toddlers. J Am Coll Nutr, v.19, p.771-780, 1998.

ABREU, C. L. M.; FISBERG, M. A. A inapetência na infância. Recusa alimentar: o que fazer com a criança que não come? Alimentação na Infância. V.2, n.1, p.1-8, 2003.

FISBERG, M.; TOSATTI A.; ABREU, C. A criança que não come – abordagem pediátrico comportamental. Blucher Medical Proceedings, São Paulo, v. 1, n.4, novembro de 2014.

Ventura AK, Worobey J. Early influences on the development of food preferences. Curr Biol. 2013.

ANDRADE, M. Determinantes Sociais e Psicológicos do Comportamento Alimentar Infantil [Dissertation]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia; 2014. 297 p

BANDINI, L. G. et al. Changes in food selectivity in children with autism spectrum disorder. *Journal of autism and developmental disorders*, v. 47, n. 2, p. 439–446, 2017.

MONTEIRO, P. F. A seletividade alimentar e o autismo. Disponível em: <<https://tismoo.us/saude/rotina/alimentacao-da-crianca-com-autismo-seletividade-alimentar/>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CERMAK, S. A.; CURTIN, C.; BANDINI, L. G. Food selectivity and sensory sensitivity in children with autism spectrum disorders. *Journal of the American Dietetic Association*, v. 110, n. 2, p. 238–246, 2010.

Disponível em: <<https://www.ninhosdobrasil.com.br/quais-as-os-4-estagios-de-piaget>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MAHAN, K.L.; ESCOTT-STUMP, S. Krause: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 14ed. São Paulo: Roca, 2018.

Disponível em: <http://www.ava-edu.net/biblioteca/wp-content/uploads/2020/08/Krause_Alimentos_Nutrio_e_Dietoterapia.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

DOS SANTOS DANTAS, T. et al. A INFLUÊNCIA DE FATORES EXTERNOS SOBRE ALIMENTAÇÃO E ESTADO NUTRICIONAL NA INFÂNCIA. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2018/TRABALHO_EV108_MD1_SA6_ID1790_21052018112956.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PETERSON, K. M, PIAZZA C.C, VOLKERT V.M. A comparison of a modified sequential oral sensory approach to an applied behavior-analytic approach in the treatment of food selectivity in children with autism spectrum disorder. *J Appl Behav Anal.* 2016 Sep;49(3):485-511. doi: 10.1002/jaba.332. Epub 2016 Jul 23. PMID: 27449267.

CAMPELLO, E. C. M. et al. SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM AUTISMO E SÍNDROME DE ASPERGER NOS TEMPOS ATUAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 11, p. 713–727, 2021.